

Brasiliense importa 90% do que consome

Brasília importa dos outros estados brasileiros cerca de 90% dos produtos alimentícios consumidos por sua população, segundo o gerente comercial da Companhia Brasileira de Alimentos (Cobal), Ruy Barbosa de Freitas. Os 80% do arroz vindo do Rio Grande do Sul viajam mais de dois mil quilômetros para chegar à mesa do consumidor brasiliense, aumentando seu preço devido ao frete.

A maior parte dos produtos alimentícios, tanto cereais quanto industrializados, vem de São Paulo, que fornece, por exemplo, 450 toneladas de açúcar, por mês, para a empresa. Só de arroz, a Cobal comercializa por volta de 635 toneladas mensais em Brasília, todo ele originário dos estados do Rio Grande do Sul (80%), Goiás e Mato Grosso (20%).

Outro produto que faz parte do cardápio diário da mesa do consumidor, o feijão, também viaja gran-

des distâncias antes de chegar a Brasília. Mais da metade das 140 toneladas vendidas por mês pela Cobal, chega do Paraná, uma parte de Minas Gerais e outra de Goiás.

Até mesmo a carne e o leite "in natura", vêm dos estados de Minas Gerais e Goiás, para o consumo do brasiliense. O óleo de soja, que até um ano atrás era todo importado, boa parte agora é fornecida por uma indústria de beneficiamento, instalada no Valparaíso. No entanto, o maior fornecedor continua sendo São Paulo.

Hortigranjeiros

Os hortigranjeiros, de alta perecibilidade, geralmente vêm do cinturão verde de Brasília, formado pelos núcleos rurais das cidades-satélites. O Carrefour, por exemplo, adquire todos os hortigranjeiros que comercializa, de produtores rurais de Brasília. Segundo a Empresa Brasileira de Assistência e Extensão Rural (Emater/DF), a área plantada em Brasília é de

80,7 hectares, dividida em culturas de grãos, hortaliças e frutas, mas somente as folhosas, a soja e algumas frutas cítricas apresentam safras expressivas.

Transporte

Uma pesquisa realizada pela Federação das Indústrias de Brasília aponta como "a grande alavanca" para o desenvolvimento agrícola a implantação de agroindústrias nas cidades-satélites e do entorno do Distrito Federal. Esta medida aumentaria a oferta de empregos e estimularia a produção.

Mas enquanto a importação é uma necessidade, os revendedores de produtos alimentícios têm que investir entre seis e 15% sobre o valor das mercadorias em transporte, mais 17% de Imposto de Circulação de Mercadorias (ICM). E quem paga esta conta é o consumidor, que vê os alimentos aumentarem seus preços em 100% nos caminhos que percorrem entre a porta das fazendas até sua mesa.

Refeição vem de 4 Estados

Arroz, feijão, carne, salada e uma fruta de sobremesa. Uma refeição trivial como esta, feita em Brasília, certamente tem todos os ingredientes importados de outros estados. O presidente da Associação dos Supermercados de Brasília, José Humberto, acredita que 70% dos produtos comercializados no Distrito Federal têm origem principalmente em São Paulo, Minas Gerais, Rio de Janeiro e Goiás, sobretudo os enlatados e produtos de mercearia; quanto à carne e hortaliças ainda dispomos de alguns fornecedores locais, explica.

Pesquisas

Uma pesquisa realizada pela Empresa Brasileira de Assistência e Extensão Rural (Emater/DF) revela que durante o ano é necessário importar as dez hortaliças mais comercializadas na cidade para atender o mercado. Uma projeção das importações do ano que vem, aponta que apenas 1% da cebola consumida pelo brasiliense sairá dos campos do DF. O arroz e o feijão estão em situação semelhante.

Somente de arroz, Goiás, Paraná e Mato Grosso despejam no comércio 32% do que é consumido. E 70% do feijão que chega à mesa dos brasilienses vem dos estados do Paraná, Minas Gerais, São Paulo e Goiás.

Também a produção de laticínios é insuficiente para a demanda local. Estes produtos chegam principalmente dos estados de Goiás e Minas Gerais, onde estão localizadas grande usinas leiteiras. As agroindústrias, que transformam em enlatados produtos como a ervilha e o milho, não são encontradas no Distrito Federal e com isso estes produtos são enviados pelos agricultores para os grandes centros, para serem transformados.

Prejuízo

Segundo o presidente da Federação dos Produtores do DF, Francisco Soares, as dificuldades dos agricultores são inúmeras e o medo de prejuízos leva a um investimento cada vez menor no setor.

"Apesar do déficit no abastecimento nós estamos diminuindo o dinheiro aplicado nas culturas, porque nem mesmo um preço mínimo para a produção nós conquistamos. Nossa atividade implica em investimentos no tratamento da terra do cerrado e compra de adubos e agrotóxicos que geram um gasto muito grande para nós, que já trabalhamos no vermelho", acrescentou Soares.

PRODUÇÃO DO DF EM 88

PRODUTO	ÁREA PLANTADA	PRODUÇÃO
grãos	72.532 nec	115,9 mil toneladas
hortaliças	5.283 nec	91,7 mil toneladas
frutas	2.310 nec	17,2 mil toneladas
Total	80.141 nec	264,8 mil toneladas

Da horta à mesa, mais 100%

Da porta da fazenda até a mesa do consumidor, os produtos hortigranjeiros aumentam em 100% seu preço: 30% são impostos, 5% transporte, armazenagem e intermediação crescem mais 15%, o resto é especulação. A afirmação é do economista Elias Valmor Marchesi, presidente da Cooperativa dos Agricultores do Distrito Federal, entidade que reúne 150 produtores de pequeno, médio e grande portes.

Ele revela que a cobrança do ICM em Brasília já prejudicou vários negócios de produtores locais, porque na venda de safras à CEASA, o pagamento dos 17% deste imposto é a vista, "enquanto o mesmo produto comercializado com outros estados paga 12% no ato da venda e o restante cerca de 60 dias depois. Este prazo possibilita a forma-

ção de um capital de giro expressivo para os grandes compradores".

Além do ICM, o transporte de alimentos de outros estados para o Distrito Federal aumenta em até 15% o preço do produto final, segundo Cesar Pereira da Silva, gerente da rede Chapéu que tem oito estabelecimentos em Taguatinga e no Guará. Ele revela que os pequenos supermercados pagam mais caro pelas importações, por realizarem pequenas compras em curto espaço de tempo. O presidente da Associação dos Supermercados de Brasília, José Humberto, afirma que os pequenos comerciantes têm que recorrer frequentemente à barganha de preços com os atacadistas locais, o que é bem diferente das redes, que fazem compras maiores a preços mais baixos direto das distribuidoras.

Indústria já é necessidade

A Federação das Indústrias de Brasília (Fibra) está fazendo uma avaliação do desempenho das indústrias brasilienses e o diagnóstico do setor alimentício não é animador: ele é incipiente e pouco diversificado. Composto por 530 empresas, 80% são panificadoras, que atendem apenas a área próxima de onde estão localizadas. Os outros 20% são torrefadoras de café, empacadoras de cereais, abatedouros e cerealistas de beneficiamento de arroz, a maioria delas voltada para a transformação de matéria-prima produzida em outros estados.

"A grande alavanca para o desenvolvimento econômico do Distrito Federal seria a implantação de agroindústrias nas cidades-satélites e no entorno", sugere Co-

rina Colnago, coordenadora de pesquisas da Fibra. Ela revela que a medida aumentaria a oferta de empregos e fixaria a população no meio rural. "As agroindústrias estimulariam a produção e poderiam diminuir a importação de alimentos para o DF, que hoje chega a 90% do total que é consumido".

Corina Colnago espera que este trabalho auxilie o GDF na formulação do Plano Diretor do Programa de Industrialização do DF (Proin/DF), que já foi entregue ao presidente Sarney e será analisado na Comissão do Distrito Federal no Senado. Ela acredita que com a implantação deste programa surjam estímulos para o produtor local "como um Imposto de Circulação de Mercadorias diferenciado, por que hoje ele é muito alto", disse.



DE ONDE VEM O QUE SE COME EM BRASÍLIA

Cerca de 90% dos produtos alimentícios comercializados pela Cobal em Brasília são originários de outros estados

PRODUTO	ORIGEM	QUANTIDADE/MES
Arroz	PGS, GO e MT	635 toneladas
Feijão	PA, MG e GO	140
Óleo (soja)	SP, DF	700 mil latas
Açúcar	SP	450 toneladas
Carne	MG, GO	30
Leite em po	SP, MG	170 mil latas 400 gr
Fubá	GO	70 toneladas
Farinha de mandioca	SP	60
Café*	DF	5

* Café, apesar de ser torrado e moído em Brasília, vem em grãos dos Estados de São Paulo, Paraná, Minas Gerais e Espírito Santo.

Emater quer equilibrar produção

A produção das 10 hortaliças mais comercializadas no Distrito Federal não atende ao mercado interno. Baseada nesta constatação a Empresa Brasileira de Assistência Técnica e Extensão Rural (Emater/DF) está realizando estudos para implantar o sistema de produção programada para equilibrar as necessidades de consumo à oferta durante todo o ano. A pesquisa foi iniciada em maio de 1987 com a análise de preços e volume de comercialização de hortaliças nos últimos 10 anos.

"Queremos atingir um equilíbrio para evitar supersafras e a escassez para garantir preços estáveis ao consumidor e produtor durante todo o ano", afirma Renato Lima Dias, agrônomo da Emater responsável pela pesquisa. Segundo ele, os resultados da produção

programada, que será implantada em janeiro de 1989, só terá efeitos a médio prazo.

A partir do próximo ano, os 21 escritórios da Emater vão orientar os agricultores do Distrito Federal para que com a utilização de tecno-

logia e racionalização do plantio possam produzir durante todo o ano. "Temos exemplos no Rio de Janeiro, Minas Gerais e Espírito Santo, produtores tradicionais, onde esta experiência está dando certo", revela Renato.

HORTALIÇAS CONSUMIDAS NO DF

CONSUMO ESTIMADO (MIL)	PRODUÇÃO DF	IMPORTAÇÃO/Origem
Tomate	21	48%
Germeira	9,7 mil t	88%
Batata	26,8 mil t	24%
Chuchu	4,8 mil t	80%
Pepino	2,4 mil t	60%
Repolho	7,1 mil t	79%
Cebola	11 mil t	1%
Pimentão	2,8 mil t	55%
		51% (GO/SP/MG)
		9% (GO/SP)
		76% (SP/GO/MG/PR)
		20% (SP/GO e outros)
		40% (SP/GO e outros)
		21% (GO/SP)
		99% (GO/SP/PE/RS/BA/SC)
		45% (GO/SP/MG)